



ENTRE LEQUES E REMINISCÊNCIAS, A VOZ LÚCIDA DE RAQUEL NAVEIRA

Luiz Otávio Oliani

"Conheço-me quando me debruço sobre a folha de papel em branco, a face baixa e oculta." Raquel Naveira

O fazer literário de *Leque aberto*, novo livro de Raquel Naveira, Penlux, 2020, tem uma *"brisa poética das crônicas intimistas"*, segundo a prefaciadora, semiótica e crítica de arte Rita de Cássia A. Pacheco Limberti.

Rita *"mergulha"* em lembranças, afetos, reminiscências e até objetos, a fim de explicar ao leitor a gênese da crônica naveiriana.

Ao passar pelo leque, pelo espelho, pela penteadeira, Raquel Naveira busca o próprio conhecimento e, ao fazê-lo, torna-se universal, ao traduzir os grandes dilemas humanos, tal qual a efemeridade da vida, em oposição à morte.

A necessidade de encontrar a chave, tão bem enunciada por Drummond, também é citada no prefácio de Rita, que avançou analisando crônicas belíssimas como "Jane-las":

"Que atitude. A pessoa do lado de fora, voltando-se para dentro em busca de si mesma, de seu passado", (p.65), em alusão aos versos do livro *Alinhavos do Tempo*, da saudosa Lina Tâmega Peixoto.

Na segunda parte do livro, Rita "viajou" na gênese do leque, trazendo as paletas, como "a cor local". Daí, a poesia emerge, isto porque a cronista Raquel Naveira é uma poeta de calibre. E aqui ratificamos em referência a um grande vulto da literatura nacional. Olga Savary (1933-2020). Se estivesse aqui, ratificaria que Raquel Naveira é Poeta, sim, e não poetisa. Savary rejeitava o uso do feminino.

Rita exaltou o olhar poético, mesmo em crônicas tristes como "Lama". Nesta, a alma se dilacerou, não pelo anagrama utilizado, mas sim pela tragédia que atingiu Minas Gerais. Disse Rita: *"Os poetas sentem o mundo... metaforizam-no, fabricam a compreensão, questionam dores. Tomam temas repulsivos e os convertem em sábias lições."* (p.18).

Ler Raquel Naveira é banhar-se em cultura. No texto de abertura

do livro, a crônica "Leque aberto", (p.37), a autora traz as reminiscências do leque, encontrado nos achados maternos. É o que provoca digressões interessantíssimas, como a referência a poemas de Fernando Pessoa, com destaque a versos sobre o pavão, animal que simbolizava a deusa Juno, ao abrir a cauda em forma de leque. Daí uma alusão ao exibicionismo da ave em comparação ao desejo de reconhecimento dos artistas na sociedade, afinal *"Caprichamos nas vestimentas, comportamentos, bens, eloquência, cultura. Artistas e poetas, então, como trabalham vaidosamente debaixo do sol!"* (p.39)

Em "A penteadeira", (p.41) Raquel dá vida ao móvel e ao espelho, cúmplices da mãe que detestava a beleza da filha. E mesmo ao tratar sobre tema tão desafiador, como um conflito familiar regido pela inveja, ora marcada pela vaidade inútil de ser bela o tempo todo, Raquel consegue ser poética, ao final, é uma grande Poeta!

Em "Conhece-te" (p.45), a cronista passeia pela busca interior.

Já em "Caminho" (p.61), percorre a estrada individual calçada no poeta norte-americano Robert Frost.

Interessante o processo criativo da cronista. Ao mergulhar na vida de Greta Thunberg, Raquel Naveira partiu da adolescência da jovem, ao examinar este período da vida tão complexo, para rememorar os próprios tempos de "Adolescência", (p.55).

Em "Janelas do mundo" (p.65), Raquel foi à etimologia da palavra "janela", mergulhando na cultura greco-latina, até fazer um estudo sobre a importância da palavra em títulos de filmes.

Na segunda parte do livro, "Caça e caçador" (p.75) mostra as belezas e dificuldades de quem decide se aventurar na caça, seja do que for.

Há espaço para crônicas de encomenda, como "Ciganos" (p.83) texto dedicado à professora de literatura e amiga Dalma Nascimento.

A crítica social aparece nas crônicas "Incêndios e Queimadas" (p.87) e "Lama" (p.91). Porém, mesmo ao tratar de temas dolorosos ao

evocar tragédias ambientais, Naveira é poética, ao "pensar no fogo como purificação, regeneração e preparo para novas sementeiras."

Em "Lepra" (p.95), ao explicar que o título da crônica não é mais utilizado para se referir à hanseníase, Raquel nos dá uma aula. Na Idade Média, a doença foi uma peste, e, no dias atuais, em todo ano 2020, a humanidade vive uma pandemia e, por isso afirma profeticamente: *"Estamos leprosos, cheios de feridas emocionais, que nos isolam do convívio com nossos semelhantes."* (p.99).

E a viagem de Raquel Naveira segue por definições, personagens, livros, histórias e afetos. Em "A Peste: Camus, Artaud e Rubens", (p.101), há um passeio maravilhoso sobre o clássico do escritor franco-argelino, bem como ao ensaio "O Teatro e Peste", de Antonin Artaud, bem como reflexões sobre o teatro.

Se Raquel viaja a um "Lugar", (p.107), chegou ao livro *Terra e Paz*, de Yehuda Amichai, o poeta nacional de Israel na crônica "Jerusalém", (p.117), na qual, de forma muito elegante, faz críticas ao atual governo brasileiro, que deveria buscar o respeito de Israel, sem se comprometer com a postura norte-americana. Poder-se-ia dizer que há em "Delírio Pessoaano: vi Ricardo Reis no Rio de Janeiro certa vez", (p.137), um delírio intertextual.

Há uma crônica toda para tratar de "Girassóis", (p.149): assim como a importância das batatas na alimentação, em "Comedores de batatas" (p.153) e ao banho, um ritual amplo, tão bem descrito em "As banhistas" * (p.157).

Raquel adentrou o universo pictórico, ao tratar de Velásquez em "Vênus ao Espelho" (p.167), viajou até "O Labirinto e o Minotauro" (p.177), explicou a gênese da obra reunida, *Jardim Fechado*, Vidráguas, 2015, em "O Cântico dos Cânticos: Um jardim fechado", (p.181); passeou por uma "Entrevista com a velha professora" e, sabiamente, concluiu o livro com "Os Sobreviventes", (p.213). Nesta crônica, a escritora analisou a diferença semântica entre os verbos "viver"; e "sobreviver", concluindo que, em meio a uma pandemia, somos sobrevi-



ventes. Citou Cassiano Ricardo (1895-1974), líder importante da Semana de Arte Moderna, que escreveu o livro *Os Sobreviventes* para tratar das chagas vividas à época dele, final da Segunda Guerra Mundial.

Em suma, é bom sermos sobreviventes de uma pandemia, pois assim temos chance de ler Raquel Naveira.

Luiz Otávio Oliani cursou Letras e Direito. É professor e escritor. Em 2017, a convite de Mariza Sorriso, representou o Brasil no IV EPLP em Lisboa. Participa de mais de 200 livros coletivos. Consta em mais de 600 jornais, revistas e alternativos. Recebeu mais de 100 prêmios. Teve textos traduzidos para inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, holandês e chinês. Publicou 15 livros: 10 de poemas, 3 peças de teatro, o livro de contos "A vida sem disfarces", Prêmio Nelson Rodrigues, UBE/RJ, 2019, e "Ingênuos, Pueris e Tolinhos", Personal, 2021. Recebeu o título de "Melhor Autor Apperjiano 2019" pelo conjunto da obra. Em 2020, teve poema publicado nos Estados Unidos da América, na Carolina do Norte, em Chapel Hill, na coletânea internacional "VII Heron Clan", a convite de Todd Irwin Marshall.



Covid fez Colaboradora do jornal virar memória

Hilda Gouveia de Oliveira, escritora, crítica literária, professora universitária, romancista, contista, ensaísta e colaboradora do L.V., faleceu no dia 25 de janeiro, no Rio de Janeiro (RJ), vítima de Covid.

Nasceu em Granja (CE) em 20 de setembro de 1929.

Formada em Letras Anglo-Germânicas, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Foi professora de Inglês e de Literaturas de língua inglesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Inglesa e Doutora em Teoria Literária pela mesma Universidade.

Representou o Departamento de Língua e Literatura Inglesa da Faculdade de Letras da UFRJ, em 1982, a convite do British Council, no Congresso Internacional "Writer and Critic", realizado em Cambridge, na Inglaterra.

Foi agraciada com o Prêmio Silvio Romero da Academia Brasileira de Letras, em 1993, com a obra *Imagens e Criatividade no Lirismo de Virginia Woolf*. Laureada com 1ª Menção Honrosa no Prêmio Nacional Walmap 1969, com o romance *Os Sete tempos*.

Autora dos romances *Os sete tempos*, *Os distraídos*, *O longo curso do minuto*, *Brincadeira de quatro cantos*, *Os vários rumos da travessia* e *A outra ponta do fio*; dos ensaios críticos *Mrs Dalloway - uma unidade estrutural* e *Imagens e Criatividade no Lirismo de Virginia Woolf*, de contos: *Miragem*, *Novelo de história* e *O sujeito multiplicado*; e do livro de crítica literária *O sentido recriado*.

Vacina já para os brasileiros para que mais nenhum colaborador do L.V. vire memória. Vacina e saúde para os povos de todas as raças.



divulgação

Hilda Gouveia de Oliveira

O AMIGO DO CORAÇÃO DE JORGE

Edmilson Caminha

A 12 mil metros de altura, 900 quilômetros por hora, sobrevoo o Atlântico rumo a Portugal, e leio "Crônicas do coração" (Salvador : Caramurê, 2017), em que Jadelson Andrade conta histórias que viveu com o cliente e amigo Jorge Amado. Gosto de livros assim, modestos, sem pretensões literárias, que nem só de Proust vive o bom leitor. Das minhas leituras mais recentes, duas foram dessa área, por coincidência sobre o romancista baiano: "Memorial do amor & vacina de sapo" (2004), de Zélia Gattai, e "Com o mar por meio" (2017), correspondência do português Saramago com o colega brasileiro. "É a sua porção comadre, o gosto de bisbilhotar a vida alheia...", costumava dizer meu amigo Fernando Dídimo da satisfação com que leio cartas, memórias e biografias. E estava certo, pois toda vida, por mais despojada que aparente, merece ser contada, ouvida, lida. Reconheço, até, que as despojadas me interessam mais, pelo que nelas há de luta, de sofrimento, de sonho. Entre conversar com o inquilino do Palácio do Planalto e com a senhora que lhe serve o cafezinho, fico com a segunda, sem a menor dúvida.

Como quem proseia à beira-mar de Itapuã, Jadelson narra como Jorge passou de cliente a amigo, na contramão do que geralmente se faz: dos três anos em que estudei medicina na Universidade Federal do Ceará, ficou-me o preceito de que se deve guardar distância da clientela, pelo desserviço que o envolvimento emocional pode trazer. Esforço vão se o paciente fosse Jorge Amado, modelo de amigo, exemplo de amor ao próximo e de solidariedade fraterna, pela grandeza humana e pela doçura espiritual com que se fazia querido por quem o conhecesse. Quando comentei com Fernando Sabino que o escritor baiano me parecia antipático, de difícil convivência, o cronista apressou-se em defendê-lo: "Não tenha essa impressão, ele é das pessoas mais generosas que encontrei em toda a minha vida."

Chamado, a primeira vez, para dar assistência ao romancista infartado, Jadelson ganhou-lhe a confiança e a amizade, logo aceito, com sua Tânia, pelos membros da afável confraria em torno de Zélia e Jorge: os filhos Paloma e João Jorge; Luíza e James Amado; Auta Rosa e

Calasans Neto; Nancy e Carybé, o argentino de nascimento que, na opinião de quem criara Dona Flor, "em matéria de bunda de mulher, é autoridade máxima e absoluta". De bem com a vida, cantaram, comeram, beberam, navegaram por rios e mares, foram a Paris, a Lisboa, certos de que nada de mal aconteceria a quem já sofrera um infarto, pois, no sábio dizer do cardiologista do grupo, "o coração gosta de emoções felizes".

Entre uma e outra viagem, conversas com revelações que o escritor não faria a qualquer um, como o projeto do romance "Apostasia universal de Água Brusca", história medieval e mística ambientada no médio São Francisco, em 1922. Doente dos olhos, sem poder ler nem inventar suas histórias, o romancista mergulhou na cava depressão que o levaria à morte, acompanhado pelo médico com zelo de amigo e dedicação de filho.

Ao escrever sobre o paciente famoso, Jadelson Andrade também diz muito de si mesmo, como exemplar de uma espécie em extinção: os médicos humanistas, que cruzam as fronteiras da ciência, transcendem a medicina, superam as especialidades e vão da arte à filosofia, da literatura à história para compreender o homem na plenitude, ser que ama e sonha, indivíduo que goza e sofre. Linhagem brilhante a que pertenceram médicos com a nobreza de Jorge de Lima, Guimarães Rosa, Dyonélio Machado, Pedro Nava e Moacyr Scliar, não por coincidência autores de admiráveis obras que honrariam qualquer literatura.

"Crônicas do coração" é, pois, uma celebração da vida, um canto de amor aos verdadeiros amigos, aqueles que o são por causa de tudo e apesar de nada, homens e mulheres que fazemos irmãos pelas afinidades eletivas que nos unem. A luminosa declaração com que se encerra, escrita por Jorge Amado, pode ser também assinada por Jadelson Andrade e pelos que com ele nos identificamos, pelo sentimento de que nos recusaríamos a viver em um mundo sem amigos: "Eu acredito na amizade! E a exerço!"

Edmilson Caminha é escritor, jornalista e professor. Membro da Academia Brasileira de Letras, da Associação Nacional de Escritores e do Observatório da Língua Portuguesa (Lisboa, Portugal).

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0
- agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavier
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



Poema para os meus cabelos brancos

Fernando Jorge

Eu amo os meus cabelos brancos,
Que parecem estar enlurados,
eles são a prova de que sofri,
mas me alegrei,
de que se fracassei,
também venci.

Meus nobres cabelos brancos,
meus queridos,
humaníssimos cabelos brancos!
Juro, vocês são a coroa
que eu me orgulho de ostentar,
a minha linda coroa de prata,
que não troco por nenhuma
coroa de ouro!

Queridos cabelos brancos,
símbolos da minha vitória
diante das tempestades da vida!
Cabelos que foram castanhos
e que agora, da cor da Via-Láctea
são as impressões digitais do
tempo na minha cabeça...

Olhem, meus amigos, esta minha
luzente coroa de prata,
fabricada na oficina do tempo,
com a ajuda da senhora Experiência.
Quando me vejo diante de um espelho,
essa coroa me diz baixinho,
carinhosamente:
Parabéns, Fernando,
você ainda resiste,
depois de sofrer a dor de perder,
ceifadas pela morte,
tantas pessoas queridas,
porém nunca esquecidas...
Parabéns, Fernando,
porque mais do que os bens materiais,
você amou os bens espirituais!

A minha linda coroa de prata
obra-prima dos meus cabelos brancos,
coroa da dor cristalizada,
da experiência muito vivida,
da vida muito sofrida,
dos meus momentos felizes e infelizes,
a minha querida coroa de prata
é o meu luar, o meu céu estrelado,
o meu rútilo tesouro,
que vale mais do que
qualquer cofre cheio de
pepitas de ouro!

Cabelos brancos, queridos
cabelos brancos,
vocês são o meu especial orgulho,
o belo troféu que ganhei
depois da batalha!
Vocês me fazem lembrar
do meu pai morto,
da minha mãe morta,
dos meus irmãos mortos,
dos meus amigos mortos.

Meus dignos, honestos cabelos brancos,
vocês falam dos que moram no meu coração,
vocês ressuscitam o tempo extinto
e devolvem para mim
os sonhos de outrora,
fazendo o tempo
ficar no agora.

É por isto que eu os amo,
vocês são a dor curtida,
o raro e esvanecido perfume
do prazer de um momento,
a inesquecível ilusão perdida,
as quentes lágrimas de um tormento,
a lembrança de tudo,
o real e agridoce conhecimento da vida!

Fernando Jorge é escritor, jornalista, historiador, biógrafo, crítico literário e autor do livro *EU AMO OS DOIS*, lançado pela Editora Novo Século.

Manchetes em Versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

O Sacramento

Márcia Rosa

Imputa-lhe a sacristia e o sacramento...
O dever do confinamento...
O porvir do mandamento...
o existir do sofrimento...
O reluzir do esquecimento!
O cohabitar no apartamento...
O exaurir do desligamento!

A falsa modéstia, as palmas, à parte!

As heresias e as indulgências...
O dismantelar-se dos sobreviventes
O aconchegar-se dos inocentes...
O aproximar-se dos parentes...
O duvidar dos reticentes....

Imputa-lhe a palavra transmutante...
O sonho de valsa, a rima e a prosa...
A sacristia e o sacramento!
Chegar e partir, ex-comungar
Falso cognato que há de perturbar!

Márcia Rosa é escritora, poeta e jornalista. Formada em Comunicação Social na PUC e em Letras - Português na Universidade de São Paulo.

Inspirado em AS COSTUREIRAS – TARSILA DO AMARAL

Carlos Pessoa Rosa

alinhavar
as narrativas e as fofocas
nos lábios
com pontos ora largos
ora miúdos
nada ali escapa do carretel
e dos alfinetes
os ouvidos sempre atentos
não importa
a cor e o tamanho do vestido
que ali se cose
de tudo – menos a boca
e o gato!

Carlos Pessoa Rosa é escritor, poeta, médico, novelista, cronista, contista e editor do site www.meiotom.art.br.



A NECESSÁRIA MUDANÇA

Dinovaldo Gilioli

Seguir uma ideia, sem nenhuma visão crítica, nos coloca próximo do papel de ventríloquo, de papagaio domesticado. Em tempos de neoliberalismo, onde há endeusamento do mercado e coisificação das relações humanas, é profícuo o exercício da dúvida, das ações questionadoras.

Em tempos de caminho único, é urgente construir atalhos, desconfiar de ruas bem delineadas que nos levam sempre ao mesmo lugar. Caminhos que não propiciam o encontro, mas o mero ajuntamento de pessoas; que não estimulam o diálogo das curvas, mas impõem a palavra final das retas.

Quando tudo parece derradeiro, acabado, aí; bem aí, deve residir o confronto das ideias, onde o cruzar de vozes possa estabelecer o grito da mudança. Onde a solidariedade não seja açodada pela selvagem competição e o exacerbação individualismo.

A necessária mudança não virá do acaso, é preciso lutar para alterar a realidade que nos é imposta. Mudar para melhorar a casa, o sindicato, o trabalho, a igreja, a associação, a vida e o país; enfim, não

é tarefa de "salvadores da pátria". Esses não passam de charlatões, travestidos de "pessoas de bem", travestidos de mito.

Para mudar de verdade é preciso questionar os grandes meios de comunicação, geralmente à serviço da classe dominante. Para mudar de verdade é necessário enfrentar os que tentam, sem nenhum escrúpulo, dominar corações e mentes. Os que, com sua falsa moral, querem cercear a livre expressão.

Só a rebeldia, a inquietude e o inconformismo, aliados a consciência crítica e a disposição de luta coletiva, são capazes de se contrapor ao atual sistema. Esses gestos podem forjar novas relações entre os humanos e com a natureza. Podem propiciar trocas, que nos ajudem a valorizar mais a vida.

Quando deixarmos a condição de espectadores, mais preparados estaremos para o protagonismo da história. Oxalá sigamos construindo uma sociedade que viva, de fato, com respeito e dignidade!

Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta. Tem 7 livros publicados. Dentre os quais: Cem poemas (editora da UFSC) e Inventário de Auroras (Costelas Felinas editora).

Rosani participará do Contaêê da Galática Educação



Poesia e Jornalismo Literário é o tema do "Contaêê", no dia 7 de abril, com a escritora e jornalista Rosani Abou Adal

O "Contaêê" é uma série semanal da Galática Educação & Cultura, que tem como proposta dar voz às pessoas que estão preservando memórias e/ou construindo suas histórias. Conduzido pela jornalista, mestre em Comunicação, especialista em marketing, radialista e presidente da Galática, Sonia Avallone, que iniciou o projeto em novembro de 2020, com o objetivo de divulgar as trajetórias pessoais e profissionais dos entrevistados, por meio de uma conversa descontraída e atrativa. A transmissão é realizada ao vivo e online, sempre às quartas-feiras, às 20 horas, no canal da @galaticaeducacao no Instagram e depois de uma semana retransmitida no YouTube.

A escritora, poetisa e jornalista Rosani Abou Adal é a convidada para a edição do dia 7 de abril de 2021. Durante o episódio, Rosani contará sobre sua trajetória como editora do jornal *Linguagem Viva*, que esse ano completará 32 anos. Também mostrará o seu lado escritora e poeta. Ela tem poemas traduzidos para

o francês, inglês, espanhol, grego, húngaro e italiano. Participou de antologias no Brasil, Itália e Portugal. É autora dos livros de poemas *Manchetes em Versos*, *Catedral do Silêncio*, *De Corpo Verde* e *Mensagens do Momento*. Exerce o cargo de vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Rosani participou do Papo de Boteco - um *happy-hour* para a mente, dedicado à literatura e suas interfaces, conduzido pelas jornalistas Naia Veneranda e Sonia Avallone, em 2019. Nesse encontro, Rosani conversou com os participantes sobre o *Manchetes em Versos*, encantou a todos com seus poemas e autografou seu livro.

O encontro entre Rosani e Sonia aconteceu na final dos anos 80, no curso de Jornalismo, da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. A amizade entre elas já completou 35 anos. Sonia comenta que Rosani construiu sua história com muito empenho e criatividade. Ela inclusive.

Programa-se: dia 7 de abril, quarta-feira, às 20 horas, o Contaêê e Sonia Avallone recebem a jornalista, escritora e poeta Rosani Abou Adal, no canal da @galaticaeducacao no Instagram.

VOCÊ

Raymundo Farias de Oliveira

Ainda escuto dentro da noite a suavidade musical de sua voz afagando o silêncio da solidão...

Sinto o calor de seu rosto colado no meu enquanto dançávamos naqueles bailes inesquecíveis enfunando velas de tantos e tantos sonhos... Isso tudo ao som arrebatador das engalanadas orquestras que harmonizam a poesia das madrugadas...

Ainda sinto o aroma do perfume de suas mãos impregnando minhas mãos trêmulas de emoção...

Ai que saudade teimosa!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e procurador do Estado aposentado.



Sinal Fechado

Gledson Sousa

I
- É lá em casa...
Alguém falou-lhe quase ao pé do ouvido, mas o homem passara tão rápido que, ao virar para trás ela não conseguiu distinguir quem falara. Mas ao voltar-se, o sinal abriu para os carros. Teve que voltar à calçada e aguardar.

Faziam 33º e do asfalto e do concreto subia um mormaço insuportável. Saiu com um vestido de alcinha por causa do calor, até hesitara um pouco, mas dissera para si mesma:

- Foda-se. Não irei deixar de me vestir como quero por causa de uns fdp de uns machos escrotos – E saiu.

Agora estava ali no coração da cidade, esperando o semáforo abrir para poder atravessar a avenida que, como era muito larga, acontecia em duas etapas, sendo a primeira até o canteiro central e depois do canteiro central até a calçada do outro lado.

A calçada estava cheia, homens e mulheres aguardando a chance de atravessarem a avenida. Pôs a bolsa na frente do corpo para evitar roubos. Olhou para o homenzinho do semáforo e ele estava verde, piscava com um convite à travessia. Foi.

- Saúde, hein tia? - falou um moleque de uns 15 anos. Ela ignorou e foi em frente.

O homenzinho continuava verde, ela reparou, mas teve a impressão de que ele estava ligeiramente maior, mas achou que era efeito de ter olhado bruscamente enquanto andava. Viera também a sutil sensação de que a avenida estava mais larga, mas devia ser efeito de ter ficado tanto tempo confinada em casa: qualquer espaço aberto parecia-lhe imenso agora.

- Gostosa! - Disse-lhe um homem cujos olhos pareciam de gelo sujo, e passou o dedo na pele do braço dela, como se estivesse a experimentar alguma comida.

A primeira reação dela foi de dar-lhe um soco, mas estava no meio da avenida e a qualquer momento o semáforo poderia abrir para os carros e dar-se um acidente. Olhou com raiva para o homem de olhos de gelo e afastou-se um pouco mais à esquerda, enquanto caminhava.

Parecia realmente que a avenida havia ficado mais larga, tal aquelas cobras constritoras que fi-

cam mais largas depois de engolirem uma presa, pítons e sucuris com a barriga cheia. O homenzinho continuava verde, piscando feito um enfeite de natal, mas assim como a avenida parecia mais larga, ele parecia maior, e de longe, talvez por causa do astigmatismo, parecia que à cada piscada intermitente o homenzinho bradava, em uma das mãos, um tacape.

Ou bastão.

Um ou outro, o homenzinho verde bradava piscante e parecia ameaçá-la.

- Jéssica, você está pirando – disse para si mesma. Mal pode completar a frase quando sentiu um braço em sua cintura e um homem a dizer-lhe:

- Vamos, gostosa.

Felinamente ela esquivou-se para o lado, e sem pensar muito, ainda andando, tentando atravessar uma rua que parecia-lhe cada vez mais larga, virou-se e deu um soco no homem que vinha em sua direção; ele desequilibrou-se e caiu em cheio com o rosto no asfalto, causando sérias lacerações.

- Ah sua vadia! - Falou outro, que poderia ou não ser comparsa do que caíra, e que veio na direção dela e puxou-lhe o vestido, na expectativa de rasgar e expor-lhe o corpo, mas quanto mais ele puxava o vestido crescia, e se ele conseguia rasgar algum pedaço, o vestido crescia na mesma direção...

Agora ela corria, e no seu encalço vinha não somente o homem

que agarrara e tentara desesperadamente rasgar-lhe o vestido, mas outros tantos que faziam coro à perseguição e gritavam os impropérios mais variados:

- Puta!
- Pecadora!
- Jezebel!
- Vadia...

O homenzinho verde do semáforo agora segurava uma tocha que acendia e apagava junto com ele.

A avenida estava mais larga, parecia um rio, e havia pessoas que pareciam aguardá-la do outro lado, enquanto atrás dela dezenas de homens perseguiam-na e seu vestido cem vezes rasgado recompunha-se cobrindo-lhe a pele suave, as pequenas estrias dos seios e a tatuagem de lótus no colo.

- Filha de satanás!
- Prostituta que transou com o diabo...

Mas ela não desistia: pisava firme o asfalto, ia em frente, tal um rio que não pode ser detido.

II

Apesar da firmeza de seu caminhar, sentiu que havia algo errado: parecia que seus pés estavam moles ou que ela pisava sobre almofadas, o asfalto afundava a cada passo dado, liquefazia-se lentamente, o que dificultava seu caminhar, mas também o dos homens que a perseguiam com desejos de morte e estupro. Será que sempre fora e sempre se-

ria assim, o estupro e a morte andando de mãos dadas no coração dos homens? Ou será que ainda havia homens que não era por desejá-las (às mulheres) que seriam capazes de violência?

De repente o asfalto ondulara e ela afundou: sentiu quando seu peso, sob a ação da gravidade, rompia a tensão superficial do asfalto, que era água agora, seguia um fluxo, ondeava e a empurrava, mas ela ainda queria chegar na outra margem.

No momento em que afundou – e sentiu a força contrária das águas enquanto seu corpo descia, por um momento passou por ela, como a sombra de uma brisa, o desejo de se deixar levar, um desejo de acalanto e abandono, de não resistir, ser tomada pelo calor das águas, ser domada pela doçura, que a chamava para baixo, para baixo, para baixo...

Enquanto afundava numa doce lassidão, viu que, apesar de tudo, mesmo sob as águas, os homens estendiam os braços e tentavam puxar seu vestido: seus rostos agora eram pura caricatura – esgarres, contorções, crispações. Não havia mais humanidade, eram somente expressões vazias, como balões inflados que ao serem estourados não resta mais nada.

Foi o suficiente para afastar a lassidão; ergueu a cabeça à tona e começou a nadar com braçadas vigorosas, precisava alcançar o outro lado. Por mais que a água tentasse levá-la, ela resistia, foi nadando tal uma sereia experiente, deslizando graciosa... os homens ficavam para trás, feito barris com âncoras, ela seguia com graça e vigor. Ao colocar a cabeça fora d'água pode ver a margem, o outro lado da rua, onde algumas pessoas faziam-lhe sinais de ventura, e no semáforo o homenzinho verde estava caído, e figuras vermelhas, femininas, oblíquas, ambíguas, haviam apagado a tocha e piscavam segurando flores nas mãos. Ela não sabia se eram rosas ou tulipas. Mas era bonito de se ver. As flores piscavam e ela pisava firme o asfalto e a calçada, tal uma deusa de pés suaves, que nunca se cansa de caminhar.

Gledson Sousa é escritor, poeta, contista, prosador, ensaísta e formado em História com especialização em História da Arte.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER
CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



MUDAR AS CULTURAS E O MUNDO

Mariana d'Almeida y Piñon

O escritor João Barcellos fez conferência acerca de "Mudar as Culturas e o Mundo", Livro 2, do filósofo luso Manuel Reis, que vem incentivando "um olhar de humanismo crítico sobre o que somos e o que fazemos".

Com selo da Edicon (Brasil) e do Centro de Estudos do Humanismo Crítico (Portugal), com apoio do Grupo de Debates Noética (América Latina), o livro saiu do prelo e já circula entre autoridades acadêmicas e literárias. Por isso, João Barcellos, que coordena as coletâneas "Palavras Essenciais" e "Debates Paralelos" (cada c/ 14 volumes), proferiu palestra via 'web' para dizer que "[...] a presença de teólogo e filósofo Manuel Reis nos debates sobre o que somos e o que fazemos, à luz do espírito socrático-jesuano, faz dele também uma 'luz' intelectual no meio das trevas anticulturais que nos cercam. O livro 'Mudar as Culturas e o Mundo' é a síntese do pensamento e dos atos do Professor Reis, um livro que nos lega não uma ideologia, mas um ensinamento vivenciável para o confronto social diante da decadência política,



ca, educacional, mística e econômica [...], e, por isso, Manuel Reis é o filósofo que age sem pantufas, com os pés no chão da circunstância humana que somos. Eis que, ou alteramos o curso da Cultura e, com ela, o Mundo, ou condenamos a uma existência de cabeça oca sob o mando de caudilhos imperiais, à direita e à esquerda...".

As palavras do Mestre Barcellos são tão claras e inequívocas quanto os textos de Reis, que vêm produzindo diversos debates.

Mariana d'Almeida y Piñon é professora de Artes Visuais e membro do Grupo de Debates Noética.

MULHER

Johanne Liffey

Alguém olhou para mim
E viu uma pessoa em Mim:
– Olá, Mulher, celebre você
Em meu olhar!
E assim sem mais o quê,
Súbito amar.
A médica e a poeta em mim
Olhou o Homem e reagiu assim:
– Olá, Homem que consegue e vê
Uma Mulher sem odiar...
Ah, nem todo o dia é assim,
O ódio rodeia a Mulher que emerge
em mim!

Johanne Liffey é médica e poeta. Bagdad/Iq.

Livros

Poesia Reunida Paulo Colina, poemas de Paulo Colina, Ciclo Contínuo Editora, São Paulo, SP, 2020, 238 páginas. ISBN: 978-65-992307-2-1.

A edição é de Eunice Souza e Marciano Ventura, com apresentação de Osvaldo de Camargo e posfácio de Ricardo Riso.

Paulo Colina nasceu em 9 de março de 1950, em Colina (SP), e faleceu no dia 8 de outubro de 1999, em São Paulo (SP), vítima de problemas cardíacos.

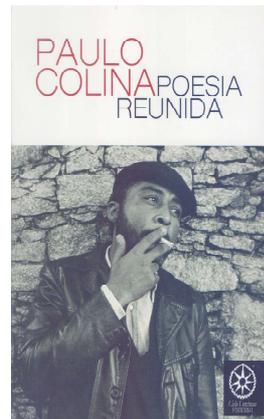
Escritor, poeta, cronista, dramaturgo, ensaísta, tradutor e músico. Exerceu cargos de diretor da União Brasileira de Escritores.

Foi agraciado com o Prêmio APCA de Literatura Melhor Livro de Poesia do Ano, da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Seus trabalhos foram publicados na Alemanha, EUA, França, Suíça e Espanha. Estreou na Literatura com o livro de contos *Fogo Cruzado*.

A obra reúne poemas dos livros *Plano de Voo*, *Viveiro*, *Do Tempo das Sombras*, *A Noite não Pede Licença* e *Todo Fogo da Luta*.

Ciclo Contínuo Editora: www.ciclocontinuo.com.br

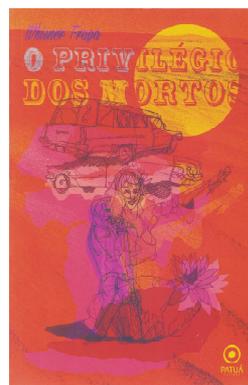


O Privilégio dos Mortos, romance de Whisner Fraga, Editora Patuá, São Paulo (SP), 252 páginas. ISBN: 978-85-8297-852-8. A ilustração, Projeto gráfico e diagramação são de Leonardo Mathias.

O autor é escritor, romancista e contista. Seus contos foram traduzidos para o inglês, árabe e alemão.

Em *O privilégio dos mortos*, o autor utiliza uma narrativa experimental e fragmentada, com base nas reflexões de um amargurado protagonista que lida com suas próprias questões existenciais a partir da morte precoce e sofrida de Heitor - ex-amigo de faculdade -, devido a um agressivo câncer de pulmão. Ao retornar de carona para a fictícia Tejuco, sua cidade natal no interior de Minas Gerais, este protagonista, que nunca é nomeado, lembra episódios de seu passado, de forma não linear, em um delírio que mistura imaginação e realidade.

Editora Patuá: www.editorapatua.com.br



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELhado

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...
Antologias:



Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



A Câmara Brasileira do Livro elegeu nova diretoria, no dia 25 de fevereiro, para o biênio 2021-2023, que será presidida por Vitor Tavares (Distribuidora Loyola de Livros). A diretoria executiva terá como vice-presidente administrativo e financeiro Diego Drumond (Faro Editorial), vice-presidente de comunicação Luciano Monteiro (Editora Moderna/Grupo Santillana) e como vice-presidente secretário Hubert Alqueres (Edições de Janeiro).

Mercedes Sosa - Uma Lenda: Um tributo à vida de uma das maiores artistas da América Latina, de Anette Christensen, traduzida por Mariana D'Angelo, foi lançada pela Editora Tektime com versões impressa e digital. A biografia retrata a vida pessoal e profissional da cantora argentina que também foi uma lutadora contra a ditadura.

Encontros & Encantos é um álbum, um projeto literomusical, realizado pela A Cigarra Edições, com poemas de Jurema Barreto de Souza II e Zhô Bertholini (editores da *Revista A Cigarra*), musicados por Edu Guerra e Rui Ferreira. Participam do projeto os músicos Adolar Marin, André Bedurê, Bebê Góes, Carol Lorac, Cássio Ferreira, Denise Coelho, Edu Moreno, Fabio Daros, Giba Brito – Fernando Cavallieri, Fernando Sardo, Gabriel Garret, Giselle Maria, Glau Piva, Kleber Albuquerque, Maestro Villa Hutterer, Marcos Mamuth, Mestre Dalua, Pri Ferminio, Rosi Pascoal, Silvio Alemão, Stella Baster e Tata Alves.

O Memorial da América Latina lançou *Linguas Ameríndias – ontem, hoje e amanhã* que aborda o universo linguístico dos povos originários da América. A obra, resultado das atividades realizadas pelo Memorial em 2019 na celebração ao Ano Internacional das Línguas Indígenas, foi editada pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (Cbeal).

Maria Teresa Horta, poeta e jornalista portuguesa, foi agraciada com o Prêmio Literário Casino da Póvoa 2021, com o livro *Estranhezas*, atribuído no âmbito do 22º encontro literário Correntes d'Escritas.

O Prêmio Literário Fundação Luís Rainha, que distingue uma forma inédita de contar a Póvoa de Varzim, agraciou António José da Assunção com o texto "Como Ondas no Mar".

Nélida Piñon, escritora, romancista, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras, foi agraciada com o Prêmio Pen Clube de Literatura - 2020 com a obra *Um Dia Chegarei a Sagres* (Editora Record). A entrega da láurea foi transmitida ao vivo através das redes sociais do Pen Clube, no dia 1 de março. Nélida Piñon foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras de 1996-1997.

Marco Lucchesi, membro da Academia Brasileira de Letras, lançou a sua tradução do livro *Margens da Noite*, do matemático e poeta romeno Ion Barbu, pela Editora Patuá. Marco Lucchesi é escritor, poeta, romancista, historiador, mestre e doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Claudio Willer ministra o curso "Percorrendo o surrealismo", de 15 a 29 de março, às segundas-feiras, das 20 às 22 horas, em três sessões virtuais. Inscrições: <https://claudiowiller.wordpress.com/2021/02/24/um-novo-curso-de-surrealismo/>

A Biblioteca Nacional lança o livro *O Leigo e a Especialista – memórias da administração da Biblioteca Nacional nas décadas de 60 e 70*, de Luciana Grings, bibliotecária funcionária da Biblioteca e doutora em Memória Social pela UNIRIO. O livro, produto da tese de doutoramento defendida pela autora em 2018, será disponibilizado para acesso online.

Mulheres do Rock, de Laura Gramuglia, foi lançado pela Editora Belas Letras em Kit luxuoso de capa dura com 10 cartões postais com ilustrações de Rita Lee, Amy Winehouse, Janis Joplin, Cyndi Lauper, Madonna, Patti Smith, Yoko Ono, Lauryn Hill, Missy Elliott e Sínead O'Connor.

Notícias

O livro LEQUE ABERTO, crônicas poéticas de Raquel Naveira publicado pela Editora Penalux, foi indicado como livro do mês pelo Clube de Leitura da Academia Paulista de Letras. A conversa sobre o livro será realizada no dia 25 de março, quinta-feira, às 19 horas, com a presença da autora. Quem desejar assistir, solicitar link no facebook, em privado.

Nelson Marzullo Tangerini, escritor, poeta e professor, enviou toda a obra de seu pai Nestor Tangerini para o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Nestor Tangerini nasceu em Piracicaba (SP) em 23 de julho de 1895 e faleceu no Rio de Janeiro em 30 de janeiro de 1966.

A 1ª Festa de Poesia - Poemarco, realizada de 10 e 14 de março, prestará homenagem ao poeta e artista plástico Almandrade. <https://www.poemarco.com/almandrade>

A Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil - Aeilij lançou novo site. <https://aeilij.org.br/>

Mulheres na Pandemia, de Anete Abramowicz e Margareth Brandini Park (organizadores), Editora Pedro e João Editores, abriga histórias de mulheres e a sua experiência social durante a pandemia.

O Projeto Revistaria, promovido pelo Sesc Ipiranga, que será realizado até o dia 8 de abril com transmissão ao vivo, toda quinta-feira, às 19 horas, pelo youtube do Sesc Ipiranga. O ciclo reúne editores de 21 revistas literárias brasileiras com o objetivo de discutir a relevância e contribuição dessas publicações para o campo da literatura. Com curadoria de Fabiano Calixto (Revista Meteoro) e Pedro Spigolon (Revista Intempestiva).



Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles será homenageada pela FLIMA Online 2021 - Festa Literária Internacional da Mantiqueira - que será realizada de 18 a 21 de março, com programação online no canal do YouTube. A programação especial sobre a autora e sua obra abrigará depoimentos de escritores sobre a influência de Lygia na produção literária brasileira, uma conversa sobre a relevância e a atualidade de seus contos e romances e um encontro com os tradutores de seus livros. O evento também apresentará uma mini mostra de cinema com documentários sobre Lygia e filmes baseados em sua obra. <https://www.flima.net.br/>

Levante, Editora Jandaíra, reúne 75 poemas sobre a trajetória do povo negro no Brasil. A obra, dividida em seis partes: Desterro, Cativo, Ancestralidade, Resistência, Herança e Liberdade, é fruto da pesquisa desenvolvida pelo professor de literatura da Uerj e militante negro Henrique Marques Samyn.

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade, foi lançada em nova edição pela Editora Unesp, Coleção Clássicos da Literatura Unesp.

A Edição Completa de As Leis, do filósofo Platão, publicada pela Editora Edipro, é composta por doze livros. A obra de Platão foi lançada em 437 a.C.

Roberto Scarano
Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br